

## Comentário II sobre o artigo “Há pedras no meio do caminho: reflexões sobre a produção científica em periódicos da área de Serviço Social” (GARCIA, 2009)

### Por que publicar em periódicos?

Debora DINIZ\*

O artigo de Maria Lúcia Garcia traça um panorama da comunicação científica por periódicos no Serviço Social. Semelhante a outros campos das humanidades, os desafios da comunicação científica no Serviço Social são basicamente dois: garantir a inserção crítica no atual modelo de comunicação científica reconhecido pelas agências de pesquisa e avaliação da pós-graduação no Brasil, e o de profissionalizar o ofício de edição de periódicos nos programas de pós-graduação.<sup>1</sup> É também sobre esses dois desafios que gostaria de dialogar com algumas das afirmações de Garcia.

A pergunta inicial de qualquer reflexão sobre o atual estado da arte da comuni-

cação científica em humanidades no Brasil é de por que as autoras deveriam migrar dos livros e capítulos para os periódicos.<sup>2</sup> Não seria o formato dos artigos uma imposição dos campos biomédicos às humanidades? Diferentemente das pesquisas genéticas, em que estudos revolucionários podem ser publicados em uma única página, como foi o caso do relato da descoberta do DNA, a tradição narrativa das humanidades não se reconhece no haicai, mas nos longos ensaios.<sup>3</sup> A bibliometria, no entanto, não avançou igualmente nos sistemas de avaliação de periódicos e livros, havendo uma maior ênfase na comunicação científica por periódicos.

Mas reconhecer nossa identidade discursiva não significa ignorar o papel da comunicação por periódicos para a promoção do conhecimento. A rapidez na comunicação é, certamente, a principal vantagem dos periódicos quando comparados aos livros. E, no Brasil, há ainda uma razão ética: a biblioteca virtual SciELO é pública e gratuita, uma inicia-

\* Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Serviço Social da UnB. Editora do periódico *Developing World Bioethics* (Wiley-Blackwell). Editora de artigos originais da RECIIS (Fiocruz) e do Conselho Editorial de nove periódicos. E-mail: d.diniz@anis.org.br

<sup>1</sup> Profissionalizar o ofício da edição exigirá que as editoras dos periódicos se especializem para a tarefa, abandonando a falsa presunção de que as autoras são editoras potenciais. Há regras formais da comunicação científica, congressos acadêmicos de editores, consensos internacionais sobre a ética na comunicação científica, entre outras facetas da edição científica, que devem ser de pleno domínio da editoria.

<sup>2</sup> Para uma crítica densa desse encontro entre os campos, o artigo de Maria Andrea Loyola, ex-presidente da Capes, analisa as implicações do modelo de avaliação para as ciências sociais em saúde (Loyola, M. A. *A Saga das Ciências Sociais em Saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 251-275. 2008).

<sup>3</sup> Watson, J. D.; Crick, F. H. C. A Structure for Deoxyribose Nucleic Acid. *Nature* 171, p. 737-738. 1953.

tiva que desafia as crescentes pretensões de mercantilização do conhecimento acadêmico pelas editoras comerciais de livros ou pelas bases internacionais de periódicos.<sup>4</sup> Minha aposta é que não haverá abandono dos formatos tradicionais de comunicação científica, tais como livros ou capítulos, no entanto caberá às humanidades a sua defesa como instrumento legítimo de divulgação do conhecimento, bem como o desenvolvimento de recursos bibliométricos semelhantes aos já instituídos para os periódicos.

Certamente Garcia não ignora o papel das humanidades para o alargamento das fronteiras do atual sistema de avaliação da comunicação científica, o *Quali-Capes*. Entretanto, seu objetivo no artigo é outro. Ela quer provocar a atenção do campo do Serviço Social para a magnitude da tarefa que enfrentará na próxima década: a publicação será um dos principais instrumentos de avaliação dos campos disciplinares e, em torno dela, serão instituídos indicadores de qualidade, impacto e distribuição da informação. A associação entre a pós-graduação e a comunicação científica é o elo definitivo para a institucionalização da pesquisa em novos campos nas universidades brasileiras.<sup>5</sup>

O periódico *Argumentum* é um sinal da movimentação do campo do Serviço Social face aos novos formatos da comuni-

cação científica. Para Garcia, o primeiro desafio do periódico será o de “manter a sua periodicidade e regularidade”. Como editora de um periódico trimestral, me solidarizo à sentença de que o tempo é uma variável inegociável às revistas que procuram ascender ao patamar de confiáveis para a comunicação científica.<sup>6</sup> No entanto, acredito que haja um desafio anterior a este e que exigirá uma clareza do campo sobre o elo entre a pós-graduação e a comunicação científica – se há autoras ativas dispostas a migrar dos capítulos e livros para os periódicos.

A migração entre os formatos exigirá uma revisão de estilos narrativos e tradições de pesquisa. A iniciação no vocabulário da comunicação científica em periódicos pressupõe uma cultura compartilhada entre autoras, revisoras e editoras, um saber ainda pouco difundido no Serviço Social. É preciso não apenas dominar as regras formais sobre apresentação de títulos, elaboração de resumos, seções de um artigo ou ética em pesquisa, mas também sobre o papel político e social da tarefa de revisão dos originais por pares. A certeza de que a regras da comunicação científica são cumpridas por um campo é um bom indicador da qualidade da produção acadêmica, pois se pressupõe a inserção da comunidade de autoras para além dos limites do próprio campo disciplinar.

Há um ar de profecia auto-realizadora nesse elo da pós-graduação com a comunicação científica. Os programas de pós-graduação bem avaliados serão aqueles com autoras produtivas em periódicos

<sup>4</sup> Parker, A. L et al. SciELO: uma metodologia para publicação eletrônica. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 109-121, maio/ago. 1998

<sup>5</sup> Kátia Braga analisa o papel dos periódicos científicos para a consolidação da bioética no Brasil, em particular nas universidades (Braga, K. *A Comunicação Científica e a Bioética Brasileira*. Tese de Doutorado em Ciências da Informação. Universidade de Brasília. 2009).

<sup>6</sup> Para a discussão sobre um periódico qualificado e confiável Meadows, A. J. *A comunicação científica*. Brasília, Briquet de Lemos. 1999.

confiáveis. Mas esta é uma cadeia que também pode ser lida ao contrário: periódicos confiáveis são aqueles que contam com autoras produtivas de programas de pós-graduação bem avaliados. Se a ordem afetar o produto final, isto é, se os programas é que serão fortalecidos pela comunicação científica, ou se esta é quem se consolidará pelos programas de pós-graduação, acredito ser esta uma inquietação menor para as editoras da *Argumentum*. À nova revista, importa reconhecer-se como um instrumento decisivo para o elo entre a pós-graduação e a comunicação científica.

Segundo Garcia, a visibilidade dos periódicos do campo do Serviço Social “é muito baixa”, pois 86% não possuem indexadores.<sup>7</sup> O resultado dessa ausência é não apenas a fragmentação da informação produzida pelas autoras do Serviço Social, mas principalmente o desafio de reconhecimento dos periódicos como confiáveis e qualificados para a comunicação científica. Isso não significa que o Serviço Social não possa reconhecer internamente alguns periódicos como centrais, a despeito de estarem fora dos critérios bibliométricos de reconhecimento da comunicação científica. O exemplo da revista *Serviço Social e Sociedade*, de responsabilidade de uma editora comercial, Cortez, é um desses casos, pois é a mais antiga em circulação e com publicações

importantes para o campo, porém sem indexadores.

A ausência de indexadores traz consigo outro desafio, mesmo para a única revista do campo inserida na biblioteca virtual SciELO, a *Katálysis*. Segundo dados de Garcia, a revista somente recebeu duas citações nos anos de 2006 e 2007.<sup>8</sup> Com oito indexadores, entre locais, nacionais e latino-americanos, a revista necessitará rapidamente se inserir no cenário internacional da indexação científica, a fim de ganhar confiabilidade e, conseqüentemente, potencializar o número de citações por artigo publicado. O fator de impacto (FI) de um periódico é calculado pela relação entre as citações que os artigos publicados recebem pela comunidade científica e o número de artigos publicados pelo periódico.<sup>9</sup> O FI é, hoje, medido pela *Journal of Citation Reports* e pelo *Scopus*, dois sistemas articulados à plataforma Lattes de currículos no Brasil.<sup>10</sup>

Certamente, as formas de avaliação dos periódicos é outro tema de impasse entre

---

<sup>7</sup> O campo do Serviço Social possui 14% de revistas com indexadores, no entanto, a *Katálysis* é a única que especifica o Serviço Social como objeto de reflexão em seu escopo editorial e público-alvo, além de ser editada por um Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. As outras revistas são de campos vizinhos do Serviço Social, em particular com a Saúde, a Economia e a Sociologia.

---

<sup>8</sup> Garcia não informa se foram auto-citações ou citações de terceiras. A auto-citação pode ser responsável por 13% das citações de um artigo, segundo Benedito Barraviera, presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos, em comunicação oral no XVII Curso de Editoração Científica da ABEC.

<sup>9</sup> Garfield, E. Using the impact factor. *Current Contents*, v. 25, n. 18, p. 1-3. 1994.

<sup>10</sup> Para uma crítica dura da inclusão do FI no sistema de avaliação dos periódicos brasileiros pela Capes, a carta aberta publicada pelo editor da revista brasileira *Clinics* endereçada ao presidente da Capes é elucidativa do mal-estar entre os campos (SILVA, M. R. e. O novo qualis, que não tem nada a ver com a ciência do Brasil: carta aberta ao Presidente da Capes. *Clinics*, v. 64, n. 8, p. 721-724, 2009).

os campos – se por citação em artigos, se por auto-citação das autoras, se por citação em livros ou capítulos ou se por *download* de artigos. A biblioteca SciELO possui a ferramenta de registro do número de downloads de artigos e alguns periódicos passaram a incorporar esse dado para a avaliação da importância da revista. Mas é ainda considerado um recurso insignificante para a avaliação da qualidade de uma publicação ou de sua importância para o ensino ou a pesquisa. Além disso, há campos com publicações de interesse majoritariamente nacional, como pode ser o caso de algumas pesquisas históricas ou literárias, em que não se justificam publicações em língua inglesa. O mesmo fenômeno pode ocorrer em temas do Serviço Social, em que não interessa às autoras a publicação em outro idioma, pois o debate é essencialmente entre a comunidade de pesquisadoras brasileiras.

Por fim, Garcia afirma que uma “uma consequência direta da supervalorização da publicação é o aumento do número médio de autores por artigo publicado em periódicos científicos”. Não conheço estudos empíricos que tenham demonstrado essa correlação, apesar de seu suposto caráter auto-evidente para o atual modelo de avaliação que privilegia a publicação e a citação de artigos. Talvez, por um espírito otimista diante da produção do conhecimento, minha hipótese seja outra.

Houve uma mudança na prática de pesquisa nas últimas décadas que antecedeu o atual modelo de avaliação: o ofício de pesquisadora deixou de ser uma tarefa solitária e passou a ser cada vez mais cooperativo e coletivo. A mudança de

autoria pode ser também um sinal desses novos tempos da pesquisa como colaboração. Acredito que seja preciso cautela para o julgamento do fenômeno de mudança no perfil das autorias: em caso de desvio ético, isto é, de autorias fraudulentas, estamos diante de situações de plágio que devem ser consideradas inadmissíveis, pois ameaçam à integridade da ciência, ao passo que a cooperação entre pesquisadoras deve ser uma prática a ser estimulada pelos campos.<sup>11</sup> A cooperação deve ser, inclusive, entendida como um estímulo à iniciação das jovens pesquisadoras na comunicação científica.

<sup>11</sup> Committee on Assessing Integrity in Research Environments; National Research Council; Institute of Medicine. *Integrity in Scientific Research: Creating an Environment That Promotes Responsible Conduct*. Washington. National Academy Press. 2002. Diniz, D. A Ética e o Ethos da Informação Científica. In: \_\_\_\_\_. *Ética na Pesquisa: experiência de treinamento em países sul-africanos*. Brasília: Letras Livres, Editora da Universidade de Brasília, 2005. p. 180-187.